

É POSSÍVEL UMA COMUNICAÇÃO COMO DIÁLOGO ENTRE PROFESSOR E ALUNO EM UM CURSO DE MATEMÁTICA NA MODALIDADE À DISTÂNCIA?

Jataí- GO- 04/2014

Magalis Bésseer Dorneles Schneider

Universidade Federal de Goiás- **UFG** /Regional Jataí

magalis.besser@ufg.br

Classe: Investigação Científica

Setor Educacional: Educação Superior

Macro: Sistemas e Instituições de EAD / Meso: Formas de Assegurar a
Qualidade / Micro: Interação e Comunicação em Comunidades de
Aprendizagem

Natureza do Trabalho: Descrição de Projeto em Andamento

RESUMO

Discute-se a comunicação com o intuito de verificar se é possível uma comunicação como diálogo entre professor e aluno em um curso de matemática à distância. O estudo foi de natureza analítico-descritiva com abordagem qualitativa. Procurou-se a partir de entrevista semi estruturada com alunos do curso de matemática à distância, de uma Instituição privada, saber se a comunicação apresentava-se de forma unidirecional e vertical ou como um diálogo emancipador. Foi possível constatar que a comunicação não suscitou o diálogo recíproco como prática de libertação e de construção crítica do conhecimento.

Palavras-chave: Educação, comunicação, Educação à distância.

1. Introdução

A formação de professores a distância depara-se na realidade de hoje com os desafios de preparar os professores com qualidade numa perspectiva política, problematizadora de diálogo em torno de situações reais, com conteúdos reais, concretos, existenciais, geradores de uma consciência crítica e de ação transformadora. (FREIRE, 2006)

É necessário um olhar numa perspectiva crítica emancipadora para contribuir para uma educação à distância cidadã, com leitura de mundo (FREIRE, 1989), para além da decodificação da palavra, do depósito de informações, da qualificação em massa de trabalhadores e submissão à ideologia dominante (MARX E ENGELS, 1998, SEVERINO 1986)

A educação como emancipação não educa o homem para ser artífice de sua própria exploração, mas sim, para o enfrentamento das estratégias de dominação; para que supere o fazer, destituído de qualquer explicação acerca do significado ou de princípios; para uma tomada de consciência, utilizando o conhecimento para o alcance da práxis revolucionária (KUENZER, 1989).

A educação e comunicação crítica na educação à distância implicam uma atitude para a transformação social e superação de exploração e dominação, dando condições para processo de reposicionamento dos educandos, de escolhas e apontamento das contradições.

Nessa perspectiva da transformação social a comunicação como diálogo tem uma dimensão política e libertadora (FREIRE, 2006, 2007) e por isso deverá ser vivenciada pelos alunos e professores a partir das discussões, inquietações, reflexões a fim de superar a distância na educação à distância.

A comunicação não é neutra, para Lima (2004) poderá apresentar uma ambiguidade, podendo tanto expressar o ajustamento, a manipulação ou a construção e compartilhamento de ideias como um processo comum e participativo. E para Freire (1983) a comunicação passa pelo diálogo recíproco, crítico e emancipador, caso contrário não será comunicação, mas extensão, transmissão e instrução.

Este artigo discute a comunicação com o intuito de verificar se é possível uma comunicação como diálogo entre professor e aluno em um curso de matemática à distância a partir dos relatos de doze alunos entrevistados de um curso de matemática a distância de uma Instituição privada.

Um dos objetivos do curso escolhido foi de verificar os desafios na comunicação como diálogo interativo entre professor e aluno.

O interesse em pesquisar o curso de Matemática surgiu a partir dos relatos de alunos que tinham dificuldades na comunicação com o professor e consequentemente na compreensão, reflexão de textos e atividades nos fóruns do ambiente virtual de aprendizagem.

Este artigo apresenta primeiramente uma discussão através de autores como Lima (2004), Freire (1983, 1996, 2006, 2007) a fim de compreender-se a comunicação como diálogo, depois segue com os resultados e discussões das entrevistas e as reflexões finais.

2. Comunicação como diálogo

A própria palavra “Comunicação” para Lima (2004) já causa um problema da ambiguidade, pois etimologicamente, a palavra “Comunicação” tem sua origem no latim, “*communis*” que significa comum, um substantivo de ação, “fazer conhecido”, “fazer comum”. Contudo, esta ambiguidade está representada por dois extremos; primeiro, transmitir algo que foi apropriado por alguém e depois passado para outro. Nessa perspectiva a comunicação é um processo unidirecional, pois a ação se dá em um só sentido. Já no segundo significado, tem-se o sentido de compartilhar, usar ou possuir algo em comum com alguém, tornar conhecido o que foi produzido. Quando se compartilha algo se realiza uma coparticipação, uma comunhão, um encontro. A distinção ocorre entre, de um lado, uma comunicação manipuladora e, de outro, uma comunicação participativa. (LIMA, 2004)

Freire (2006) defende que comunicar é comunicar-se em torno de significados que sejam significantes. Para ele a comunicação jamais será uma transferência de saber para sujeitos passivos, inertes ao ato de conhecer, pois a comunicação é diálogo, comunicativo, que implica sujeitos interlocutores, isto é, sujeitos reciprocamente comunicantes.

Freire discutiu primeiramente a noção de *comunicação* num pequeno ensaio escrito para o Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agrária (Icira), no Chile, em 1968. O ensaio teve a intenção de manifestar uma crítica às atividades de extensão dos agrônomos e servir para discussão a um grupo interdisciplinar de especialistas composta por "... funcionários da Corporação de Reforma Agrária (Cora), Instituto de Desenvolvimento da Produção Animal (Indap),

Serviço de Agricultura e Pecuária (SAG) e Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO)" (FREIRE, 1983; LIMA, 2011).

Esse ensaio formulava uma crítica à tradição "difusionista" que seguia os estudos de comunicação norte-americana. Freire argumentou nesse ensaio que *extensão* implicava transmissão, transferência, invasão. Percebe-se que Freire atribui à palavra *transmissão* um sentido semântico diferente do que é dado, pois para este autor a transmissão é um empecilho ao conhecimento e um aprisionamento do sujeito no ato de pensar. A extensão é a transmissão, a comunicação sem diálogo, isto é, transferências de mensagens disseminadas como controle de pessoas e reprodução do conhecimento (FREIRE, 1983).

Para Freire a comunicação é um diálogo recíproco, a cooparticipação de sujeitos no ato de conhecer. É o encontro entre homens mediados pela palavra a fim de dar nome, sentido ao mundo. Implica uma reciprocidade que se estabelece de um sujeito que não pensa sozinho, mas que pensa com a cooparticipação de outro sujeito. Não existe "eu penso", mas "nós pensamos". (FREIRE, 2007).

Freire (2007) afirma que os homens são seres comunicativos, por isso precisam se comunicar, caso contrário serão reduzidos a coisas. A comunicação para o autor é uma situação social em que os sujeitos criam conhecimentos juntos, transformando, humanizando o mundo e jamais reduzindo a uma transmissão ou imposição (FREIRE, 1983). Para ele, a comunicação é diálogo, pois somente o diálogo comunica realmente. É também o encontro de confiança, criticidade de pessoas que, mediadas pelo mundo percebem esse mundo e procuram transformá-lo e ao transformarem se humanizam (FREIRE, 2007).

Freire (2006) estabelece o diálogo como centro do processo de libertação humana. Para ele o diálogo autêntico é o reconhecimento do outro e de si no outro, é uma decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo, não havendo assim consciências vazias, mas homens que se humanizam, humanizando o mundo. O homem nessa perspectiva é o resultado do processo de libertação, superando a contradição, opressor-oprimido. Todavia, Freire (2006) salienta que o diálogo não é possível entre oprimidos e opressores, isto é, entre os que desejam dar nome ao mundo e às coisas e os que impedem tal processo de nomeação. E ainda, complementa que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito.

Bakhtin (2003) também declara que a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. Ele também destaca a enunciação como parte do diálogo, não sendo algo isolado, pois qualquer enunciado oral ou escrito faz parte de um processo de comunicação ininterrupta. Caracteriza-se, então, como um elo de uma grande cadeia dialógica que só pode ser compreendido no interior dessa cadeia. Toda palavra, nesse sentido, já é uma contra palavra, demandando do interlocutor uma resposta, no interior de um processo de compreensão ativo.

3. Aspectos Metodológicos

Para avaliar a comunicação como diálogo entre professor e aluno foi pesquisado um curso de graduação de matemática na modalidade à distância de uma Instituição privada. Um dos objetivos do curso escolhido foi de verificar a comunicação entre professor e aluno através do relato de doze alunos. Utilizou-se uma entrevista semi estruturada para coleta dos dados. A pesquisa concentrou-se no aluno por motivo de observarem-se relatos das dificuldades vivenciadas no retorno das respostas referentes às dúvidas, problemas na compreensão de atividades dos fóruns, além da falta de interação do professor no ambiente virtual. Contudo, esse estudo não se esgota aqui, necessitando de continuidade e aprofundamento para investigar a visão do professor.

O estudo adotado foi de natureza qualitativa que, de acordo com Triviños (1987) objetiva, na perspectiva educacional, conhecer os traços característicos, seus problemas, seus professores, sua educação, sua preparação para o trabalho, seus valores. Como procedimento utilizou-se o estudo de caso que é obtido mediante entrevistas, depoimentos pessoais, observação participante, de um grupo ou uma comunidade (GIL, 2002).

A coleta dos dados foi realizada a partir de entrevistas gravadas com doze alunos do curso de matemática à distância de uma universidade virtual. O curso é realizado a maioria do tempo à distância a partir de um ambiente virtual de aprendizagem com dois encontros presenciais por semestre. Os encontros ocorrem um inicial para apresentação da disciplina e o outro ao final para realização da avaliação. Cada professor tem em média 50 alunos até o limite de 100 alunos por disciplina. Os critérios de escolha dos entrevistados foram à

aceitabilidade e também por estarem cursando há mais de dois anos o curso de Matemática à distância.

As perguntas realizadas aos alunos são as seguintes:

- Como se dá o processo de comunicação no curso? Vertical (professor, conteúdo, estudante), horizontal (estudante, conteúdo, estudante); misto (professor, conteúdo, estudante, conteúdo, estudante, professor).
- Quais as dificuldades e facilidades que você encontrou nesse curso de matemática à distância?
- Você acredita que as suas expectativas foram alcançadas em relação ao curso?

4. Resultados e discussões

O processo de comunicação foi explicitado em seis respostas como vertical (professor, conteúdo e estudante). Em três respostas de que a comunicação é mista (professor, conteúdo, estudante, conteúdo, estudante, professor), entretanto ela foi entendida como a interação do tutor e o aluno para a realização das atividades avaliativas online. E três expressaram ser horizontal (estudante, conteúdo, estudante).

“Acredito que se dá vertical, porque ali no curso a distância se você procurar esse professor tutor, ele já vai te dar o caminho, não há estímulo a pensar. Porque cada professor no presencial tem uma didática, uma gama de conhecimentos, uma maneira de mostrar o caminho, mas a distância é você e você, você e o livro e se virar.”

“Vertical – os Professores dominam bem a disciplina e têm um ótimo relacionamento com os alunos,”

“O vertical, pois o professor nos repassa tudo o que está acontecendo, sempre disposto a tirar as dúvidas.”

“O misto, a professora olha nosso material e o mesmo nos retorna avaliados, onde arrumamos o que não está muito certo e o reenviamos novamente.”

“O horizontal é onde nós estudamos em casa o conteúdo e respondemos aos fóruns às atividades e assim compartilhamos com nossos colegas no ambiente on-line.”

Dos doze alunos, nove disseram encontrar algum tipo de dificuldade no curso de matemática à distância, como na avaliação online, na compreensão das respostas em relação às dúvidas, porém sendo destacada como principal dificuldade a falta do professor presencial. Como mencionados nos relatos:

“Às vezes tenho dificuldade porque no raciocínio lógico se você não treinar, ouvir as dicas dos professores, você não vai conseguir aprender, é muito difícil à distância. Então sem um professor é muito mais complicado.”, “Quanto às dificuldades encontradas foi a de estudar sozinho, sem um professor para auxiliar.” E três alunos mencionaram não haver dificuldades.

Os alunos responderam que também encontram facilidades, sendo mencionada em sete respostas a comodidade e flexibilidade de horários *“...Possibilidade de fazer o meu próprio horário de estudo, de estudar nos finais de semana, de não precisar me deslocar todos os dias a uma unidade física, para ter aulas presenciais”*, “Só encontrei facilidades, pois eu faço meu horário e consigo equacionar meu tempo e não há necessidade de deslocamento até a faculdade”.

As expectativas em relação ao curso foram alcançadas, presente diretamente em sete respostas, sendo que dois não demonstraram segurança em suas respostas, pois responderam que as expectativas foram consideradas boas, mas que poderiam ser melhores.

“Sim, foram com certeza. Quem faz o curso ser bom é o aluno e sua dedicação e acho que fui suficientemente dedicado e interessado em aprender, por isso esclareceu minhas expectativas,”

“Sim, mas não muito boas.”

E três acreditam que não foram alcançadas, acrescentando que não se sentem preparados para serem professores de matemática, pois o que sabem é o que já sabiam e aprenderem no ensino médio. Um desses três alunos disse que alguns de seus colegas para aprender recorrem a um professor particular de matemática, porém afirma que nem todos têm tempo para fazerem essas aulas e dinheiro para pagar.

“Não, foram frustradas, porque não me sinto preparado para enfrentar uma sala de aula.”, “Não, preciso estudar muito mais para ser um professor de matemática.”, “Sinceramente não. Eu esperava que fosse melhor em relação aos materiais que temos as apostilas.”

Percebe-se nos resultados que a grande maioria dos entrevistados compreendem a comunicação como um processo vertical do professor, conteúdo e

estudante, que são vistas como unilaterais, apenas com o intuito de transmissão de conhecimento. Como é explicitado na fala de um dos entrevistados:

“No ensino a distância você não é provocado, estimulado a pensar pelo tutor, eles entregam tudo de bandeja;”

Há ausência da comunicação como diálogo, tal como propõe Paulo Freire (1983), que buscam a significação dos significados, substituindo decisivamente a mera transferência de saber.

Esta é a razão da impossibilidade do diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito.

Freire (2006, p. 93) apresenta algumas questões acerca do diálogo:

[...] o diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus polos (ou um deles) perdem a humildade,
 Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?
 Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço outros eu?
 Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”?
 Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar?

Freire (2006) explicita que não existe diálogo quando não há uma intenção de fazer e de refazer; de criar e recriar; na vocação de ser mais, não sendo isso o privilégio de alguns, mas o direito de todos os homens.

Dessa forma, o diálogo é uma exigência existencial, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco se tornar simples troca de idéias a serem consumidas, mas é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado.

O diálogo também não é um embate, polêmico, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a pronúncia do mundo, nem a buscar a verdade, mas o encontro de homens que pronunciam o mundo, como um ato de criação, de conquista do mundo por sujeitos dialógicos.

5. Conclusão

Foi possível verificar que a comunicação não suscitou o diálogo recíproco como prática de libertação e de construção crítica do conhecimento. Apresentou-se de forma unidirecional e vertical, predominando o ensino como transmissão e instrução.

Os resultados sinalizaram também os dilemas e anseios dos alunos num curso de formação de professores de matemática à distância, pois expressa que nem todos se sentem preparados para ser um professor de matemática, além de relatarem que sabem o que já sabiam no Ensino médio. A comunicação, entendida como diálogo, entre professor e aluno resume-se na resolução de atividades, sem interatividade, reciprocidade ou provocação da criticidade dos educandos.

Com isso, o sentido da palavra autonomia foi trocado pelo “aprenda sozinho”, “vire-se sozinho”, expressa claramente nas palavras de um dos alunos entrevistado, que disse “a distância é você e você, você e o livro e se virar”, perdendo assim o verdadeiro significado da autonomia que é a busca da emancipação do sujeito através de uma educação crítica e dialógica, com auxílio de um professor mediador crítico e partícipe nessa construção de conhecimento.

Desse modo, torna-se cada vez mais necessário que os educandos busquem a construção de um novo Iluminismo, racional e crítico a fim de que não se repita a anulação da consciência ou que essa consciência seja alienada, submissa, mediante a reprodução de uma ideologia dominante que distorce e falsifica a realidade com o discurso da democratização da educação.

A educação e a comunicação na educação à distância devem vivenciar uma prática concreta de libertação e de construção crítica do conhecimento. E, nesse espaço virtual, todos devem ser sujeitos aprendizes num projeto comum de construção de uma sociedade na qual não exista mais a palavra do opressor e a do oprimido, dos que sabem e dos que não sabem, mas daqueles que buscam através da educação serem sujeitos emancipados para transformar e se apropriar de seus próprios discursos. Essa visão não é algo utópico, mas possível a partir do compromisso de cada um dos educadores e educandos em promover mudanças democráticas com uma nova concepção de mundo.

Este artigo se propôs a contribuir para a crítica da comunicação na educação à distância como mero treinamento, adestramento para o trabalho ou como fábrica de diplomas. Suscita-se que todos olhem para a educação e para

formação de professores numa perspectiva emancipadora de homens reais, produtos de suas concepções, que falam, pensam, argumentam, criticam e a partir disso constroem o conhecimento de uma maneira crítica e livre de uma educação marginalizadora que reproduz desigualdades e mantém os interesses da classe dominante.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo. Editora Hucitec, 2003.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa social. 6ª.Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KUENZER, Acácia Zeneida. Pedagogia da fábrica. As relações de produção e a educação do trabalhador. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.
- LIMA, Venício A. Mídia, Teoria e Política. 2ª ed. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- LIMA, Venício A. Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire. 2ª ed. Revisada. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Fundação Perseu Abramo, 2011.
- MARX, Karl; ENGELS, Frederick. Ideologia Alemã: Feurbach. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SEVERINO, Antônio Joaquim, Educação, ideologia e contra-ideologia. São Paulo: EPU, 1986.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais. A Pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.